

---

Obras  
Pioneiras  
da Cultura  
Portuguesa

# Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa

**DIREÇÃO**

JOSÉ EDUARDO FRANCO

CARLOS FIOLHAIS

**Volume 2**

## **PRIMEIROS TEXTOS DE PRÉ-HISTÓRIA, HISTÓRIA E HERÁLDICA**

*IV Crónica breve de Santa Cruz de Coimbra*

**COORDENAÇÃO**

FILIPE ALVES MOREIRA E LUÍSA PAOLINELLI

*História de Portugal*, FERNANDO OLIVEIRA

**COORDENAÇÃO**

CRISTINA TRINDADE E RUI CARITA

*Troféus lusitanos*, ANTÓNIO SOARES DE ALBERGARIA

**COORDENAÇÃO**

PEDRO SAMEIRO

*Da existência do homem em épocas remotas no vale do Tejo*

FRANCISCO A. PEREIRA DA COSTA

*Portugal pré-histórico*, JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

**COORDENAÇÃO**

JOÃO LUÍS CARDOSO

**Círculo** de **Leitores**

---

*Obra distinguida pela Sociedade  
Portuguesa de Autores com o*  
**Prémio José Mariano Gago  
de Divulgação Científica 2018**

---



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

© 2017 Círculo de Leitores  
José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais (IECCPMA)

**Projeto gráfico:** Mário Caeiro  
Colaboração de Diogo Braga e Sara Valente

**Paginação:** Rosa Quitério

**Versão dos textos latinos (NT):** José Carlos Miranda

**Revisão:** Equipa Obras Pioneiras

**Execução gráfica:** Bloco Gráfico  
Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: novembro de 2018

**Número de edição:** 8179

**Depósito legal número:** 429 649/17

**ISBN da coleção:** 978-972-42-5148-6

**ISBN:** 978-972-42-5150-9

Esta edição segue a grafia do novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Reservados todos os direitos. Nos termos do Código  
do Direito de Autor, é expressamente proibida  
a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio,  
incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem  
a autorização expressa dos titulares dos direitos.

Ilustração da capa: desenho digital de um sinal rodado  
de D. Afonso Henriques

*Obra composta em caracteres Libby*

\*\*

## José Leite de Vasconcelos (1858-1941): uma vida fecunda

*Estou a vê-lo, a barba hirsuta, às vezes menos do que modestamente vestido, singelo no trato, acanhado nas maneiras, quase envergonhado da glória que caminhava com ele, como uma auréola. A maleabilidade e a flexibilidade necessárias no comércio da vida e dos homens, nunca as possuiu; era rude e austero; mas, do fundo da alma, bondoso. [...] Há, todos nós o sabemos, uma espécie de bondade nativa, instintiva, fundamental, peculiar às naturezas simples e delicadas, mesmo que não sejam cultas; e há a bondade que irradia da própria inteligência e que constitui, com ela, o complexo de superioridade a que os velhos romanos chamavam «virtude». Em José Leite de Vasconcelos, a virtude foi tão digna de veneração como o saber; a excelência do sentimento confundiu-se com a riqueza do espírito, na definição de uma ética superior em que havia, como em toda a sua personalidade, reflexos da idade antiga. O «justo» igualou o «sábio»<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> Júlio Dantas, «Discurso do presidente Sr. Júlio Dantas, in Sessão de homenagem ao insigne sábio e académico Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos em 15 de dezembro de 1941», *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, n.º 13, 1942, pp. 6-8.

## 1. Medicina e humanidades

Os dados factuais são aparentemente contraditórios: tendo-se matriculado no ano letivo de 1881/1882 na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, ali viria a obter o respetivo diploma em 1886, com a mais alta classificação do seu curso, o que lhe valeu o Prémio Macedo Pinto. Após fugaz exercício no Porto, em 1887 assumiu o lugar de subdelegado de Saúde no Cadaval, terra onde tinha pertences, por escassos seis meses. Os doentes queixavam-se: «Boa pessoa; mas se ele tratasse com tanto carinho e paixão os doentes como trata as pedras!...»<sup>2</sup>. A medicina foi definitivamente abandonada logo no ano seguinte, ao tomar posse do lugar de conservador da Biblioteca Nacional, onde permaneceu até ser contratado como professor extraordinário da então recém-criada Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1911, antes mesmo de obter a equivalência do grau de *doctorat de l'Université*, obtido na Universidade de Paris, em 1901, com uma tese intitulada *Esquisse d'une dialectologie portugaise*<sup>3</sup>.

O precoce desinteresse pelo exercício da medicina encontra-se sublinhado, se necessário fosse, pela declaração do próprio quando, convidado ilustre das cerimónias comemorativas do primeiro centenário da escola onde se formou, declarou, no preâmbulo da *Etnografia comparativa*, precedido de algumas palavras a respeito do «sobrenatural» na medicina popular portuguesa: «Há 39 anos que me despedi da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, cujas tradições vós continuais e honrais. [...] tendo eu saído daqui Médico-cirurgião, acumulado de favores, transviei-me quase logo; e em vez de vos trazer frutos de experiência clínica, que pudésseis aproveitar no vosso exercício, venho entreter-vos uns momentos com assuntos menos práticos, de Etnografia e de História – Desculpai»<sup>4</sup>.

Pode, pois, perguntar-se o porquê da frequência do curso de medicina. Nada há, na correspondência enviada pelo próprio ou da recebida de familiares e amigos que se consultou, aquando da elaboração da obra fotobiográfica em boa hora publicada sob a égide do Museu Nacional de Arqueologia, comemorativa dos 150 anos do seu nascimento<sup>5</sup>, que nos autorize qualquer suposição. Assim, torna-se provável que tal opção tenha decorrido mais da ausência de alternativas no Porto, para onde foi trabalhar, ocupando humildes tarefas em estabelecimentos de ensino

---

2 Guerreiro Murta, *Evocações*, Lisboa, s. n., 1970, p. 396.

3 Cf. José Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris, Lisboa, Aillaud, 1901.

4 Idem, *A figa: estudo de etnografia comparativa*, Porto, Araújo & Sobrinho, 1925, pp. 5-6.

5 Lívia Cristina Coito et al., *José Leite de Vasconcelos: fotobiografia*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, Editorial Verbo, 2008.

secundário, ao mesmo tempo que prosseguia os estudos, no Colégio de S. Carlos, a partir de 1876. Com efeito, naquele estabelecimento de ensino foi distinguido com a atribuição de um primeiro prémio em latim, no ano letivo de 1876/1877, renunciando já a sua notável aptidão para a filologia.

Aliás, é o próprio quem, por omissão, confirma a ausência dessa vocação, ao declarar, em 1882, recém-entrado no curso de medicina, o seguinte: «Nascido numa aldeia da Beira Alta, e tendo passado a juventude em convivência diária com o povo, eu possuía em mim mesmo um bom número de factos, quando em 1876, dos 17 para os 18 anos, idade em que vim para o Porto, comecei entusiasmado pelo grande movimento científico do século, a ocupar-me do *Folk-lore*, esboçando e dando a lume os meus primeiros ensaios em 1878 (na *Aurora do Cavado*, de que é redactor o snr. Dr. Rodrigo Velloso)»<sup>6</sup>. Nenhuma alusão à medicina, portanto, muito menos aos seus encantos...

O facto de pertencer a uma família empobrecida da nobreza rural poderia levá-lo a admitir o seu futuro como médico, profissão de prestígio e que permitia uma vida relativamente desafogada. Importa, por outro lado, não esquecer a influência familiar, até por possuir ascendentes diretos com tal profissão: é o caso do seu avô paterno, Rodrigo Cardoso Pinto (1775-1819), de quem Leite de Vasconcelos diria: «Este meu avô é fama que exerceu a sua arte com muita distinção. Foi Médico do Exército, Médico do Convento de Salzedas, delegado físico-mor do reino»<sup>7</sup>. A este seu antepassado direto viria, aliás, a dedicar o seu estudo *A medicina dos lusitanos*, publicado aquando das comemorações do centenário da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa: «À memória de meu avô paterno Rodrigo Cardoso Pinto, da vila de Ucanha, Bacharel em Filosofia, e formado em Medicina, pela Universidade de Coimbra, f. 1819»<sup>8</sup>.

Na discussão desta questão, atente-se na argumentação de A. A. Mendes Corrêa, que, além de ilustre antropólogo, era médico; é assim que ele caracteriza a importância de ser médico na futura atividade de Leite de Vasconcelos: «A frequência da Escola Médica do Porto aparece, à primeira vista, como um caprichoso e inútil desvio na trajetória lógica daqueles estudos [a literatura e o latim]. Não penso assim. Humanidades sem biologia humana, estudos clássicos e históricos sem conhecimento concreto do ser humano, dos seus males e sofrimentos, são visões incompletas, lacunares, do homem e das suas actividades,

6 José Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.<sup>a</sup> Editores, p. XI, 1882.

7 Livia Cristina Coito et al., *José Leite de Vasconcelos: fotobiografia*, op. cit., p. 16.

8 José Leite de Vasconcelos, *Medicina dos lusitanos*, Lisboa, Faculdade de Medicina de Lisboa, 1925.

da sua herança genética e cultural, das suas tendências reais». Mais à frente, adianta o seguinte: «A medicina tem uma metodologia, uma disciplina de investigação científica. Facultando, como nenhum outro ramo de saber, a noção da realidade angustiada da dor e do sofrimento, ela visa a luta, por caminhos os mais lógicos e seguros que é possível, contra esses males, contra a doença, contra a morte. O autor das *Religiões da Lusitânia* era um médico. Porque não? E também porque não poderia esse mesmo médico ser um filólogo? A linguagem é um processo fisiológico e psíquico [...]. Porquê, com a sua estruturação científica concreta, objectiva, se deveria recusar ao médico a possibilidade de abordar temas filológicos?»<sup>9</sup>

Não parece, contudo, que a formação médica tenha influenciado a sua conceção da ciência e da posição nela da humanidade. Já em 1877, ainda antes de ingressar no referido curso, proclamou a sua declarada adesão ao positivismo, que a filiação na teoria darwinista só confirmou poucos anos depois, já no final da frequência do curso; em *Portugal pré-histórico*, declara: «A teoria evolucionista, a que se acham vinculados os nomes ilustres de Lamarck e Darwin, é das mais brilhantes e extraordinárias nos seus factos, das mais fecundas nas suas aplicações. Por ela não só se explica um certo número de fenómenos (inexplicáveis de outro modo), como, por exemplo, os órgãos rudimentares; mas o homem adquire um conhecimento mais seguro e mais extenso de si, pois que deixa agora de ser o rei da criação [...] e fica, pelo contrário, ocupando apenas um lugar na escala zoológica» (p. 17)<sup>10</sup>.

Quanto à metodologia de trabalho, poder-se-ia argumentar, como fez Mendes Corrêa, que aquela ficou a dever-se à sua preparação no campo da medicina, enquanto ciência biológica que é. Para a discussão desta questão, é elucidativo o seguinte caso: ainda estudante, Leite de Vasconcelos elaborou, em 1885, um estudo de dermatologia que viria a ser analisado pelo médico e professor Juvenal Esteves, em 1949. Admitiu o ilustre clínico que esta área da medicina o tenha atraído em virtude de proporcionar uma observação direta, rigorosa e sistemática das patologias, conducentes à respetiva classificação, tão ao gosto leiteano. Por outro lado, esta era uma área que favorecia o contacto com as populações, em relação com as patologias observadas: hábitos de vida, distribuição geográfica das doenças, classes etárias e estatutos sociais dos doentes; em suma, seriam campos fecundos para «o espírito

---

9 A. A. Mendes Corrêa, «Elogio do sábio Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos», *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, n.º 30, 1958, pp. 305-306.

10 As citações feitas da obra seguem a presente edição, com indicação dos respetivos números de página dada entre parênteses.

de naturalista que é bem patente em toda a sua obra de etnógrafo»<sup>11</sup>. Face ao exposto, pode concluir-se que, por via da dermatologia, Leite de Vasconcelos obteria o tão desejado contacto direto com as populações, consistindo os estudos naquela área, essencialmente, num meio para a aproximação ao objeto de estudo, a pessoa humana na sua polifacetada realidade.

A importância do método seria, aliás, um dos traços dominantes do seu labor científico, não se afigurando justificada a conclusão de tal característica ter sido obtida pela frequência do curso médico, uma vez que fazia seguramente parte da sua personalidade, pois que a vemos aplicada nos mais ínfimos pormenores, como a administração da sua casa, anotando diariamente os gastos domésticos efetuados<sup>12</sup>. Recorramos ainda ao testemunho de Mendes Corrêa, que descreveu na primeira pessoa a impressão que o método leiteano lhe causou: «A propósito de arquivos pessoais, recordo o do erudito Leite de Vasconcelos na sua casa de Campolide, onde tantas vezes o visitei. Ofereceu-me um dia de jantar. Falámos da etnografia da região em que eu passara as férias. No fim do jantar, fez vários verbetes com as minhas informações e distribuiu-os, segundo os assuntos, pelas numerosas caixas do seu ficheiro. Como eu admirasse a grandeza deste, Leite disse-me, sem quebra de modéstia: – “Ninguém na Europa tem reunido mais materiais do que eu!” E devia ser verdade!»<sup>13</sup>

Fernando de Almeida, que, depois de uma bem-sucedida carreira médica, abraçou em exclusividade a de professor de arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da qual viria a ser catedrático, evoca pitoresco episódio que envolveu dois irmãos, também eles futuros médicos e catedráticos da Faculdade de Medicina de Lisboa, Joaquim Fontes e Victor Fontes, o primeiro ilustre arqueólogo e antigo presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e um outro colega, Santa Rita, futuro professor na Faculdade de Letras de Lisboa: «De outra vez, ao vê-los, aos três jovens arqueólogos, contemplando um ficheiro, o Mestre explicou as vantagens que ele dava. – “Diz uma palavra”, pediu, dirigindo-se ao Victorzinho. Este respondeu: – “Perna”. Imediatamente saíram dezenas de fichas sobre “pernas”. E os rapazes acreditaram nas vantagens»<sup>14</sup>.

11 Juvenal Esteves, «O Prof. Doutor José Leite de Vasconcelos e a dermatologia», *Amatus lusitanus*, 7, 4, 1949, p. 194.

12 Livia Cristina Coito et al., *José Leite de Vasconcelos – Fotobiografia*, op. cit., p. 243.

13 A. A. Mendes Correia, *Em face de Deus. Memórias e confissões*, Porto, Fernando Machado & C.ª Lda. Editores, 1946, p. 16.

14 Fernando de Almeida, «Prof. Joaquim Fontes», in *Actas das Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1972, p. 20.

Estes dois episódios ilustram o método rigoroso que Leite de Vasconcelos utilizou para compilar elementos, relacionar e comparar factos e, enfim, apresentar sínteses sobre a multiplicidade de simples informações que permanentemente registava nos seus papéis, um verdadeiro quebra-cabeças para os que aceitaram a difícil missão de se constituírem postumamente como seus compiladores e editores.

## 2. Uma vocação para a vida

Já antes de ingressar em medicina, Leite de Vasconcelos detinha no seu currículo importantes contributos publicados no domínio da recolha da etnografia – é o caso dos artigos primeiramente publicados no jornal *Aurora do Cávado*, dirigido pelo seu amigo Dr. Rodrigo Veloso. Esta vertente da sua atividade foi claramente incrementada no decurso da frequência do referido curso. Com efeito, em 1882 vêm a lume duas obras marcantes, as *Tradições populares de Portugal*<sup>15</sup>, volume de 320 páginas, e a obra *O dialecto mirandês*<sup>16</sup>, tendo a última sido premiada no Concurso Filológico da Sociedade de Línguas Românicas de Montpellier. A sua importância bastaria para alcandorar o seu nome à galeria dos mais ilustres linguistas portugueses, pois deve-se a Leite de Vasconcelos a glória de ter demonstrado ser o mirandês uma verdadeira língua românica, e não uma mera degenerescência. O sucesso do seu estudo encontra-se espelhado nestas palavras, retiradas de uma carta endereçada por essa altura ao seu amigo de Elvas António Tomás Pires: «Eu estou ainda mais entusiasmado com a linguística do que com as tradições populares. Enquanto não explorar todo os dialectos portugueses intra e extra-continentaes não descanço»<sup>17</sup>.

Importa referir que a «dissertação inaugural» do curso de medicina (equivalente ao trabalho final, ou estágio, dos tempos modernos) intitula-se *A evolução da linguagem: ensaio anthropologico*, obra que pode considerar-se de linguística médica, na qual o autor analisa sucessivamente a fisiologia da voz, a produção da fala, seguida da análise da linguagem, abordando, finalmente, a patologia da voz e da fala<sup>18</sup>. Aliás, já em 1884

15 José Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clavel & C.ª – Editores, 1882.

16 Idem, *O dialecto mirandez: contribuições para o estudo da dialectologia românica no domínio glotológico hispano-lusitano*, Porto, Livraria Portuense, 1882.

17 Idem, *Cartas de Leite de Vasconcelos a António Tomás Pires: folclore, filologia, etnografia e arqueologia*, pref. e anot. Eurico Gama, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1964, p. 50.

18 Idem, *A evolução da linguagem: ensaio anthropologico*, Porto, Typographia Occidental, 1886.

tinha publicado na revista *A saúde pública* artigo sobre a «Patologia da linguagem». Pode dizer-se, pois, que a linguística descobriu, em Portugal, os seus fundamentos anátomo-patológicos através deste verdadeiro estudo pioneiro de Leite de Vasconcelos, sendo de destacar o método, verdadeiramente transdisciplinar, que presidiu à sua elaboração.

O que fazia mover o ânimo deste homem que, renunciando a ter vida familiar própria, se entregou à colossal tarefa de reunir todas as informações úteis ao conhecimento da sua terra e do povo português? Crê-se que era, essencialmente, o prazer que lhe advinha da descoberta e, porque não dizê-lo, o amor devotado ao terrunho em que nascera. Foi assim com a identificação e fixação do mirandês, tal como em tantas outras situações, brotando da sua personalidade reservada e tímida, que lhe conferia ar grave, surpreendentes manifestações de um entusiasmo genuíno e ingénuo. Recordar-se apenas um desses episódios: «O Dr. João de Barros, num francês correctíssimo e elegante, começa a apresentação: – É-me muito honroso apresentar o Senhor (Monsieur le ...) ao grande Mestre... – Mas caso inesperado! O Dr. Leite de Vasconcelos, que havia descoberto que o sábio belga tinha um alfinete de gravata com um escudo romano, logo no começo da apresentação do Ministro, agarra-se à gravata do sábio e exclama jovial e triunfante: Isto é um escudo romano! Isto é um escudo romano!»<sup>19</sup>

Foram o entusiasmo, a paixão e o prazer da descoberta, servidos por um método inflexível e por uma disciplina férrea, que ele cumpriu até ao fim, que explicam o sucesso da obra leiteana dedicada ao estudo do povo português, o qual considerava só ser possível, na sua plenitude, desde que se investigassem os seus antecedentes, mesmo os mais longínquos e indefinidos. Foi igualmente esse entendimento que explica a sua notável atividade arqueológica, especialmente até à conclusão das *Religiões da Lusitânia*, obra publicada entre 1897 e 1913, onde reuniu a informação acerca do passado pré-histórico, proto-histórico e romano, em boa parte obtida pelas suas próprias mãos, ou apoiada nos inúmeros colaboradores de que dispunha, espalhados por todo o país. Com efeito, admitia, contra a opinião de Herculano, as raízes proto-históricas do povo português, conferindo-lhe identidade própria. Essa identidade poderia, e deveria, encontrar-se devidamente demonstrada através da sua obra maior – o próprio Museu Etnológico Português –, que entendia dever constituir o repositório da herança cultural do povo português, nas suas polifacetadas expressões, que, numa entrega total, procurou reunir, inventariar, classificar e publicar ao longo da

---

19 Guerreiro Murta, *Evocações*, op. cit., p. 399.

sua vida fecunda, literalmente até ao último alento. Disso são prova as revistas que editou, com destaque para *O arqueólogo português*, de que se publicaram 30 volumes entre 1895 e 1956 (mas estando o último pronto a imprimir ainda em 1938, portanto ainda em vida de Leite de Vasconcelos), e a *Revista lusitana*, destinada a publicar contributos de natureza etnográfica e linguística, de que se publicaram 38 volumes entre 1887 e 1940/1943, todos eles organizados pelo mestre. O prestígio de ambas as publicações permitiu a sua sobrevivência, tendo ambas continuidade ulterior.

Porém, a sua obra maior, a *Etnografia portuguesa*, constituída por 10 volumes, publicados entre 1933 e 1988<sup>20</sup>, dos quais em vida do mestre se publicaram apenas os primeiros dois, constitui o mais notável repositório sobre o povo português jamais escrito. Nela, Leite de Vasconcelos condensa e coordena as informações recolhidas ao longo da sua vida, podendo-se dizer que toda ela ali se encontra explicada. Iniciada tarde, pois que se começou a redigir definitivamente em Coimbra, no primeiro dia do ano de 1928, aquele em que se viria a jubilar, por limite de idade, do cargo de professor catedrático da Universidade de Lisboa, a obra beneficiou no entanto de um colossal repositório acumulado, sob a forma de verbetes, que foi indispensável à sua conclusão, sob a égide de Orlando Ribeiro, Alda Soromenho e Paulo Caratão Soromenho.

### 3. Um espírito sensível e convicto

Como cientista social, Leite de Vasconcelos cedo abraçou o positivismo, como se verifica pela intervenção efetuada no Colégio de S. Carlos, a 29 de novembro de 1977: «As ciências, durante os dois últimos séculos e o corrente, têm, na verdade, sofrido um adiantamento espantoso... Das ruínas de um mundo velho provém um mundo novo, aureolado e puro; a humanidade passa por uma transformação que nunca supôs»<sup>21</sup>. Acreditava que o progresso científico haveria um dia de libertar o homem, convicção que repetidamente proclamou, tanto em verso (como em *Balladas do Occidente*<sup>22</sup>, ou no «Hymno académico do Porto», composto a pedido dos seus colegas), como em prosa, já na maturidade

20 Cf. José Leite de Vasconcelos, *Etnografia portuguesa*, 10 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1933-1988.

21 Manuel Viegas Guerreiro, «Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos», in João da Silva Correia (org.), *José Leite de Vasconcelos: livro do centenário (1858-1958)*, Lisboa, Imprensa Nacional, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1960, p. 128.

22 José Leite de Vasconcelos, *Balladas do Occidente*, Porto, Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Successores de Clavel & C.ª, 1885.

da sua existência. Assim, em 1903 declara: «Predominam [nas nossas populações] por toda a parte as ideias religiosas misturadas de superstições de toda a espécie, mas tudo isso vai decaindo. Triunfa, enfim, a ciência, e não virá talvez longe o dia em que os cruzeiros desapareçam dos caminhos, e os homens das montanhas, despidendo a capucha e a nisa, desçam a tomar parte no convívio intelectual dos povos cultos»<sup>23</sup>. Nada indica que, com o tempo, tenha alterado tais ideias, tão-pouco a sua posição perante Deus. Tendo-se confessado em 1938 ao prior de Barrancos, aquando da estada naquela vila raiana para estudar o barranquenho, viria a declarar-lhe: «Sim, eu creio em Deus; não sabendo bem o que vamos encontrar d'além campa, é melhor seguir o caminho mais seguro»<sup>24</sup>.

A dádiva total que constituiu a sua vida em prol da ciência, até quase ao limite do absurdo, especialmente nos anos derradeiros, em que, «alquebrado, quasi cego, a cabeça esvaída, o velho lutador continuava a resistir»<sup>25</sup>, só se pode explicar, além de ter constituído um sacerdócio a que voluntariamente se submeteu, pelo prazer fugaz, no momento da publicação de mais um livro, que, como é referido por Orlando Ribeiro, considerava filho do seu espírito, sendo festejado em companhia dos impressores. Esse prazer representava o sentimento de uma missão cumprida, consubstanciada num novo contributo para a grande obra que se propusera erguer, oferecendo-a à coletividade, mais do que um triunfo pessoal, mais ou menos egoísta. Talvez só tivesse paralelo próximo no prazer de viajar, que lhe proporcionava novas e sempre úteis informações, por via das quais engrandecia permanentemente o seu caderno de campo, num afã que lhe devorava a existência desde a adolescência. Prova desta atividade febril são os inúmeros artigos publicados, especialmente em *O arqueólogo português*, relatando as suas viagens de exploração por todo o país, à procura de tudo o que pudesse interessar ao seu museu, recorrendo a fastidiosas viagens de comboio, logo seguidas por pachorrentos carros alentejanos ou incómodas carruagens por estradas poeirentas, e finalmente a pé, ou montado em burro ou cavalo, até atingir o seu destino, por vezes sem dormir, a altas horas da noite. Alguns desses périplos, que se revestiam de perigos efetivos, foram compilados na obra *De terra em terra*, em dois volumes<sup>26</sup>. Faceta dessa atividade criadora e polifacetada encontra-se

23 Livia Cristina Coito et al., *José Leite de Vasconcelos: fotobiografia*, op. cit., p. 251.

24 Cónego José de Jesus Gonçalves, «O Dr. José Leite de Vasconcelos era crente e confessou-se em Barrancos em 1938», *Novidades*, 28 jun. 1958, apud Livia Cristina Coito et al., *José Leite de Vasconcelos: fotobiografia*, op. cit., p. 251.

25 Orlando Ribeiro, «Vida e obras de José Leite de Vasconcelos», *Portucale*, n.º 15, 1942, p. 22.

26 Cf. José Leite de Vasconcelos, *De terra em terra*, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1927.

registada na forma como recordou, mais tarde, a sua «descoberta» do mirandês. Vale a pena recordar, uma vez mais, a empolgante descrição que o próprio fez desta descoberta, a que quis associar o nome do jovem que tão providencialmente a facultou: «Branco de Castro, reclinado sobre a cama, no seu pequeno quarto de estudante, recitava vocábulos, conjugava verbos, declinava nomes; eu, sentado numa cadeira ao pé, ia apontando fervoroso tudo o que lhe ouvia, e que para mim era como aquelas maçãs de ouro que, segundo um conto popular bem conhecido, saíam da bôca de uma virgem bem fadada quando fallava ao seu noivo. Dizia ele a principio: “isto é uma gíria de pastores, uma *fala charra*, não tem regras, nem normas!”. Mas, quando eu lhe mostrava que as correspondências d’ella com o latim eram certas, que a conjugação seguia com ordem, ele pasmava, e admirava-se que entre os *cabanhaes* de Genizio, e em meio dos *hortos* de Ifánez se pudesse ter feito cousa tão regular como era a lingoa que velhos cabreiros lhe haviam ensinado em pequeno. E também se enthusiasmava, e começava comigo a venerar esta desherdada e perdida filha do latim»<sup>27</sup>.

Importa dizer que muitas das suas investigações eram frequentemente incompreendidas na sua época, o que pouco lhe importava («Trabalhe nas cousas do seu gosto, e deixe zoar a carvalheira, como se diz na Beira», recomendava ele em carta a António Tomás Pires, em 1906<sup>28</sup>); na verdade, elas assumiram-se mais tarde como preciosos elementos identitários da nação. Foi justamente o caso do mirandês, que só foi legalmente reconhecido como língua pela Assembleia da República através da lei 7/99, de 29 de janeiro, seguindo a tendência europeia de reconhecer as «minorias linguísticas rurais» como «comunidades de língua regional», devendo-se, sem dúvida, a Leite de Vasconcelos um papel determinante na sua preservação, através da fixação da escrita, ainda no século XIX. Igualmente, muitos dos registos do *Cancioneiro* e do *Romanceiro* foram por ele salvos de uma perda mais do que certa, o mesmo se verificando com os preciosos espólios etnográficos e arqueológicos, a par das respectivas condições de recolha, que fez transportar para o seu museu.

Leite de Vasconcelos pautou-se, sempre, pelo rigor e pelo método da investigação, olhando com desconfiança aqueles que praticavam os princípios contrários, que ele designava por «litteratos»: «Dos litteratos nem falemos»<sup>29</sup>. São bem conhecidas as divergências com colegas como Adolfo

27 Idem, *Estudos de filologia mirandesa*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, pp. 4-5.

28 Idem, Carta 226 (de 11 de abril de 1906) in *Cartas de Leite de Vasconcelos a António Tomás Pires*, op. cit. , p. 275.

29 Idem, Carta 56 (de 2 de abril de 1889) in *Ibidem*, p. 97.

Coelho ou Teófilo Braga, tornando-se célebre a polémica que manteve com Cândido de Figueiredo, defendendo com vigor e ironia temíveis as suas próprias ideias. Não se pense, porém, que era um empedernido sábio (palavra que, aliás, repudiava). Viu-se já como o podia tocar a emoção da descoberta. Ver-se-á que a sua sensibilidade, pudicamente oculta, se poderia manifestar da forma mais inesperada para um observador que apenas atentasse à natureza da sua produção científica.

Aquando de uma das suas muitas viagens ao estrangeiro, que constituíam autênticas peregrinações aos templos mais nobres do saber, onde recolhia sempre preciosas informações e documentos, não deixava de visitar locais que, para uma alma apaixonada como a sua, detinham forte carga simbólica e emotiva. Foi o caso da sua ida às ruínas da Abadia de Melrose, em 1913, aquando de um périplo pela Europa Ocidental. Àquelas vetustas pedras, Walter Scott tinha dedicado um poema que, ainda estudante liceal, muito o impressionara, a ponto de dele ter publicado, em 1882, tradução em dois humildes periódicos regionais, o *Campeão de Bouças* e o *Tirocínio*. É a sua tradução desses versos que a seguir se transcreve:

«Se queres ver Melrose, vai lá quando  
Pálida e meiga a lua no ar avulta,  
Pois o clarão do sol, sobredoiando  
As baças ruínas, como que as insulta

À hora em que nas sombras as arcadas  
Adormeçam; as góticas janelas  
O luar as esbata, e em ondas belas  
Banhe a luz fria as torres derrocadas;  
Sejam os botareus alternamente  
Negros de ébano, brancos de marfim;  
Cada estatua em seu tumulto jacente  
De alvor de prata se revista, e assim  
As volutas que tétricas o exornam  
E a vida à morte semelhante tornam;  
Nas campas pie o mocho funerário,  
E se escute gemer ao longe o Tweed:  
Vai então, e visita solitário  
Os restos da mansão de S. David.

À volta jurarás que nunca viste  
Scena alguma tão linda, nem tão triste!»

Compreende-se, pois, a emoção do mestre quando, desembarcando do comboio que o levou a Melrose, percorreu, em escassos dois ou três minutos, o caminho que o separava da cena tão pungentemente descrita nos versos de W. Scott, «pois desde então nunca mais eles me saíram do pensamento»: Era uma «tarde umida e pardacenta [...], predispu- nha todavia para a dor o espírito de quem houvesse de embrenhar-se em destroços mortos do passado, para os contemplar em seu vago e emocionante misticismo [...]. Percorri em todo o comprimento a rua central da aldeia, e logo, para além de um gradeamento, descortinei em baixo o ambicionado monumento [...], acostado por uma parte a escuros arvoredos, e contíguo por outra a um cemitério, de entre cujas ervas branquejavam lajes de sepulcros salpicadas de letreiros piedosos: pelas gastas ogivas dos claustros como que ainda agora se vêem passar em procissão, macerados dos jejuns e das rezas, os monges cistercienses para quem David 1.º (S. David), rei da Escócia, o fundou em meados do sec. XII. Á musa de W. Scott não faltou nitidez nem exactidão. Naquelas pedras, que a vetustez mais santifica, e a lenda popular afunda em mistério, lá estava efectivamente toda a melancolia evocada pelo Poeta!»<sup>30</sup>. A mesma emoção que senti ao descobrir o mirandês, entrevemo-la também aqui, na fria Escócia, perante as ruínas impressivas daquela abadia medieval.

Foi, ainda, essa emoção que sentimos perpassar-lhe pelo espírito ao descobrir aqui e ali, ao sabor das indicações do povo humilde, vetustas ruínas ou milenárias inscrições falando de deuses e deusas há muito desaparecidos. É ao médico Fernando de Almeida que se recorre para transcrever o fim de uma ode composta aquando de uma das suas viagens ao Fundão, causada pelo deslumbramento que lhe causou a descoberta, gravado numa rústica ara de granito, do nome da deusa indígena Trebaruna<sup>31</sup>:

«Eu fiz-te renascer, eu dei-te vida nova!  
Quando pois eu dormir p'ra sempre, tu hás-de ir,  
Linda deusa beirã, guardar a minha cova,  
Embalar o meu somno, a cantar e a sorrir...»

A sensibilidade da sua alma, só conhecida de poucos, encontra-se aqui belamente espelhada, comparável ao terno amor que dedicava à memória de sua mãe, de quem beijava o retrato todas as noites<sup>32</sup>, tal como à memória de sua noiva, falecida poucos dias antes do matrimónio.

30 Idem, *De Campolide a Melrose: relação de uma viagem de estudo (filologia, etnografia, arqueologia)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, p. 107.

31 Fernando de Almeida, «Trebaruna, deusa lusitana», *Estudos de Castelo Branco*, n.º 6, 1962, p. 8.

32 Cf. Manuel Heleno, *Algumas palavras sobre Leite de Vasconcelos*, Lisboa, Oficinas gráficas Casa Portuguesa, s.d., p. 7.

Fernando de Almeida relata um episódio, que lhe foi contado por Manuel Heleno, discípulo dileto que lhe sucedeu à frente do seu querido museu, que com tanta teimosia e pertinácia conseguiu fundar e engrandecer, ocorrido numa ocasião, em que Leite de Vasconcelos, já perto dos oitenta anos, regressava de uma viagem de comboio ao estrangeiro: «Aconteceu-me uma grande desgraça nesta viagem!» Perante a ansiedade do seu interlocutor, confessou: «Esqueci-me de levar comigo o retrato de minha Mãe»<sup>33</sup>. O amor que dedicava a sua mãe encontra-se evidenciado nas palavras dramáticas e desesperadas, rabiscadas a lápis num pedaço de papel, aquando do seu falecimento: «Sabbado, 16-VI-94 às 11h. da manhã. O dia mais doloroso da minha vida!! Fiquei só no mundo!»<sup>34</sup>. É ainda o mesmo sentimento que transparece no belo poema intitulado «Mãi Carme poliglótico (a um poeta que me pediu lhe traduzisse a palavra “mãï” em várias lingoas)», folha belamente impressa em 1912 pela Imprensa da Universidade de Coimbra:

«Da Grécia, ao sol que recebeu Apolo,  
Sei meter; *máthir* sei da Irlanda fria;  
Da Índia, do santo Ganges posta ao colo,  
Sei *māta*, – e ela d’isto se inebria;

Da Germânia, em florestas seculares  
Meia oculta, onde a Dónar, deus aereo,  
Nas arvores há templos com altares,  
Sei *múoter*, voz velada de misterio;

*Mater* do Lacio, que a seus pés suspensa  
E submetida vê a terra inteira;  
*Maire*, em trovas volantes, da Provença;  
*Nai* da Galiza, do Oceano á beira...

Nem que em todas as lingoas que o homem fala  
Eu pudesse ou tentar dizer “mãï”,  
Exprimiria, porque nada o iguala,  
O eterno encanto que essa ideia tem.»<sup>35</sup>

O relato feito por outro dos seus discípulos, Manuel Viegas Guerreiro, quando o funeral conduziu o corpo do mestre ao jazigo que mandara

33 Fernando de Almeida, «Trebaruna, deusa lusitana», *op. cit.*, p. 6.

34 Livia Cristina Coito et al., *José Leite de Vasconcelos: fotobiografia*, *op. cit.*, p. 30.

35 José Leite de Vasconcelos, *Mãï carme poliglótico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, p. 1.

construir para seus pais e para si, é também elucidativo: «Entre o caixão de pedra do pai e o da mãe ficou o seu. A lápis, o Mestre venerando havia escrito num o nome de *Pater* e, no outro, o de *Mater*. Faltou só que alguém escrevesse no dele o de *Filius* e *amantissimus*, porque bem o merecera»<sup>36</sup>.

Sob uma aparência distante e exigente, escondia-se uma alma solitária, expressa na poesia que cultivou quase até ao fim da vida, numa existência talvez mesmo infeliz nos seus últimos anos, procurando compensar no trabalho e nos amigos dedicados a falta de uma família verdadeira. Daí a sua divisa, integrada no seu ex-líbris heráldico, com as armas de Cardoso, Melo, Vasconcelos e Pereira, proclamando, na língua de Atenas, uma verdade que era, de todos, o primeiro a cumprir: «No estudar consiste o prazer». A nobreza do seu sangue beirão não desmerecia a da sua alma.

#### 4. Portugal pré-histórico

«O meu livreco *Portugal pré-histórico* está pronto e ficaram de mo dar impresso este mês. Logo que eu o receba, mando-o a V. Ex.<sup>a</sup>. Muito me obsequiará lendo-o todo, e anotando com franqueza ao lado aquilo que não achar bem, para eu corrigir em 2.<sup>a</sup> edição, caso a tenha. Eu esforcei-me por ser exacto; em todo o caso não há ninguém que não erre, principalmente em assunto em que se não é especialista»<sup>37</sup>.

Estas palavras, alusivas à personalidade e à obra de José Leite de Vasconcelos, permitem ao leitor menos familiarizado com esta figura maior da cultura e da ciência portuguesas informação sobre a sua trajetória científica e, por essa via, uma melhor compreensão do enquadramento da sua obra *Portugal pré-histórico*.

Publicada em 1885, ainda o seu autor era estudante de medicina no Porto, *Portugal pré-histórico* revela já uma das suas facetas principais, que o acompanhou ao longo da sua operosa vida: o espírito analítico e exigente com que apresentava as ideias recolhidas em obras alheias, que, no caso, se revelaram indispensáveis para a redação desta, dada a pouca informação pessoal que o autor poderia mobilizar para a apresentação de ideias próprias. Onde estas se tornam mais evidentes é na integração

36 Manuel Viegas Guerreiro, «Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos», *op. cit.*, p. 137.

37 José Leite de Vasconcelos (Carta 20, 21 de maio de 1885), in *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento*, anot. Mário Cardoso, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, 1958, p. 75.

de aspetos linguísticos ou etnográficos na apresentação de questões arqueológicas, ganhando desta forma uma dimensão muito mais rica e abrangente. Esta prática, já evidenciada em diversas passagens deste livro, foi seguida pelo próprio ao longo de toda a sua operosa vida como investigador do povo português, que entendia como uma entidade única, onde confluíam diversas realidades distintas, cuja investigação teria de ser forçosamente feita de forma integrada.

As considerações expostas baseiam-se nas escassas leituras das revistas científicas internacionais a que tinha acesso no Porto, resumindo-se na prática à *Revue d'anthropologie*, dirigida por Broca. Assim se compreende a quase exclusiva utilização da magra documentação científica nacional a que teve acesso. É o caso do opúsculo de Sá Villela, dedicado aos dólmenes, com reflexo no estudo da anta da Candieira, na serra de Ossa, de Gabriel Pereira, publicado na revista *Universo ilustrado*, da monografia de Estácio da Veiga sobre as antiguidades de Mafra (1878), do relatório sobre a expedição à serra da Estrela, relativo à arqueologia, da autoria de Martins Sarmiento (1883), que cita amplamente, a par de pequenos trabalhos pelo mesmo autor publicados em revistas locais, igualmente a propósito das suas explorações dos dólmenes minhotos. Tais revistas são, do mesmo modo, citadas amplamente, como é o caso de *O tirocínio*, de Barcelos, do *Pero gallego*, revista literária publicada em Viana, ou ainda de *O Pantheon*, periódico portuense do qual Leite de Vasconcelos também era colaborador. As notícias publicadas nestes periódicos locais ou regionais foram depois compiladas e apresentadas na *Revista de Guimarães*, fundada por Martins Sarmiento em 1885. Importa referir que, à época, Leite de Vasconcelos era já autor de diversos estudos etnográficos e linguísticos publicados em periódicos como a *Revista científica* e a *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, além de opúsculos diversos (como o publicado em 1882, relativo a uma excursão ao Soajo) e verdadeiros trabalhos de tomo, avultando as *Tradições populares de Portugal* ou o dedicado ao então dialeto mirandês, ambos vindos a lume também em 1882.

Nota-se igualmente o aproveitamento de obras de carácter médico, que teriam necessariamente de ser do seu conhecimento enquanto estudante de medicina. É o caso do *Anuário dos progressos de medicina em Portugal*, de Maximiano de Lemos, de 1884, ou *A saúde publica*, do mesmo ano, de Maia Mendes. Em tal grupo de obras inscreve-se também o estudo de Eduardo Burnay *Da craneologia como base de classificação anthropologica* (1880) e a obra de Topinard *L'anthropologie* (1876), sendo de realçar o artigo de Silva Amado «L'ethnogenie au Portugal» (1880), primeiramente publicado na *Révue d'anthropologie*, de Broca.

De entre outras obras utilizadas por Leite de Vasconcelos no *Portugal pré-histórico*, avultam o relatório de Carlos Ribeiro acerca da sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas realizada em Bruxelas em 1871 (1873), o livro de Gabriel de Mortillet *Le Préhistorique* (1883), o primeiro ensaio de síntese da pré-história peninsular, de Augusto Filipe Simões (1878), o compêndio de John Lubbock, com sucessivas edições, em inglês e em francês, e a obra clássica de Quatrefages e Hamy, *Crania ethnica* (1882). Pode dizer-se que, apesar de desconhecer diretamente muitas obras que, à época, lhe seriam úteis, com o magro acervo que foi possível reunir conseguiu, mercê da valorização de informações de natureza linguística e etnográfica de que já dispunha, organizar uma obra que, embora muito incompleta, acabaria por poder responder de forma satisfatória ao principal desígnio para que fora concebida: a instrução das camadas populares, mas que já sabiam ler, iniciando-as numa das temáticas mais ignoradas, o passado mais remoto da humanidade em solo presentemente português.

Esta obra responde, pois, às convicções mais profundas do seu autor, no sentido da democratização da instrução, conforme comprovam as suas eloquentes palavras atrás transcritas<sup>38</sup>. O discurso apresenta-se conciso e austero, embora cativante e sugestivo, estilo que já nestes anos iniciais de formação revela e que iria manter por toda a sua vida. Tais qualidades, aqui pela primeira vez postas à prova, revelaram-se essenciais a uma obra de divulgação científica como esta, integrada em coleção de grandes tiragens e preços modestíssimos (100 réis o exemplar).

Importa referir que o interesse pelo conhecimento das mais antigas comunidades humanas que povoaram o solo português foi motivado pela realização, cinco anos antes, da IX.<sup>a</sup> Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica (Lisboa, setembro de 1880), o qual teve efetivo impacto na opinião pública cidadina, devido em parte aos ecos que a sua realização teve em diversas revistas de grande difusão, como o periódico *Occidente* ou a revista humorística *O António Maria*. A primeira publicou, ocupando toda a capa do fascículo saído a 15 de outubro de 1880, uma gravura da sessão inaugural do Congresso, na presença de D. Luís e de D. Fernando II, seguidas de retratos de muitos dos congressistas; a segunda, na sua edição de 30 de setembro de 1880, publicou numerosas caricaturas dos mesmos, associadas a acontecimentos ou a comunicações observados no decurso das várias sessões daquela reunião científica, da autoria de Rafael Bor-

---

38 Ver p. 121 e nota 24.

dalo Pinheiro, e por este magistralmente registadas e comentadas. O impacto nos meios científicos e académicos não foi menor, o que justificou a criação, logo em 1885, no mesmo ano em que o livro que agora se comenta veio a lume, da cadeira de Antropologia, paleontologia humana e arqueologia pré-histórica na Universidade de Coimbra; foi seu primeiro «lente proprietário» Bernardino Machado, que viria a promulgar, em 1893, o diploma fundacional do Museu Etnográfico Português, atual Museu Nacional de Arqueologia. O referido congresso foi outrossim o culminar de um processo integralmente corporizado pela investigação desenvolvida no seio da Comissão Geológica de Portugal desde 1857, com uma breve interrupção (1868), reorganizada em 1869 com nome ligeiramente diferente: Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal.

Leite de Vasconcelos aproveitou largamente neste livro todos os resultados produzidos pela Comissão: com efeito, os trabalhos mais citados são da autoria de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e Nery Delgado, abordando estações da natureza e épocas muito distintas, como os eólitos da Ota (1871), as grutas da Casa da Moura (1867) e da Furninha (1884), o concheiro do Cabeço da Arruda e as características antropológicas das suas populações (1865), o povoado pré-histórico de Leceia (1878), os monumentos megalíticos dos arredores de Belas (1880) e de outras áreas do território português (1867), a par de publicações específicas, como é o caso da alusiva aos martelos mineiros da mina de Ruy Gomes (1868). Foi a pujança da investigação produzida em Portugal em escassos anos que justificou a reunião em Lisboa, em setembro de 1880, da plêiade dos pré-historiadores e antropólogos europeus. Não espanta, assim, que boa parte da informação tivesse sido colhida nas atas daquela memorável reunião científica, publicadas em 1884, onde se apresentaram resultados de primeira importância, mesmo a nível europeu, para o conhecimento do homem pré-histórico, como é comprovado pela natureza das questões discutidas: é o caso da questão da autenticidade do homem terciário em Portugal, dos concheiros de Muge e da sua posição no quadro dos tempos pré-históricos; a antropologia física das populações pré-históricas do território português, a questão do canibalismo, a discussão sobre a existência de uma Idade do Cobre entre o Neolítico e a Idade do Bronze, foram amplamente discutidas, nelas participando, entre os maiores vultos da investigação europeia, muitos sábios portugueses a quem se devia a prioridade das descobertas. Embora Leite de Vasconcelos não tivesse participado na reunião, aproveitou integralmente os seus resultados.

Voltando ao *Portugal pré-histórico*: explicada a razão da sua existência, e a forma como foi reunida a informação, importa referir desde já que, tendo sido despreziosamente escrito com o intuito de sistematizar os conhecimentos adquiridos até 1885 no que ao território português dizia respeito a propósito do homem pré-histórico, não foi a primeira obra de síntese que se escreveu entre nós. Com efeito, em 1878 veio a lume a *Introdução á archeologia da Peninsula Iberica*, de Augusto Filipe Simões<sup>39</sup>, que teve como apoios principais a escassa bibliografia produzida até então em ambos os países ibéricos, que o autor bem conhece, como se evidencia do uso que dela fez. A redação de extensas passagens da obra obrigou-o a citações de publicações sobretudo inglesas e francesas, o que deve ter obrigado a um esforço hoje difícil de avaliar. O resultado constitui uma obra bem estruturada, abordando as questões que à época mais interessavam, tanto aos arqueólogos e antropólogos como à população culta, conseguindo assim uma síntese que ainda hoje se lê com interesse e que peca apenas por ter sido escrita cedo demais, quando os conhecimentos sobre muitas das matérias tratadas eram ainda muito lacunares, embora revelem a indiscutível atualização científica do seu autor. No entanto, por se tratar de uma obra que diz respeito à arqueologia da Península Ibérica, e da qual saiu apenas o primeiro volume, onde as antiguidades pré-históricas de ambos os países ibéricos são tratadas num plano de igualdade, entrando-se pontualmente pela análise de outras épocas mais modernas, como a Idade do Ferro, considerou-se que a obra de José Leite de Vasconcelos respondia melhor aos requisitos predefinidos, e por isso se lhe atribuiu o estatuto de primeira obra pioneira de síntese da pré-história portuguesa.

JOÃO LUÍS CARDOSO  
*Universidade Aberta*

---

39 Cf. Augusto Filipe Simões, *Introdução á archeologia da Peninsula Ibérica*, parte primeira: *Antiguidades prehistoricas*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1878.

## ABREVIATURAS GERAIS E SIGLÁRIO

<b>anot.</b>	anotação	<b>p.</b>	página
<b>cap.</b>	capítulo	<b>pp.</b>	páginas
<b>caps.</b>	capítulos	<b>r.</b>	reinado
<b>coord.</b>	coordenação/coordenador	<b>S.</b>	São
<b>D.</b>	Dom/Dona	<b>s.d.</b>	sem data
<b>dir.</b>	direção/diretores	<b>s.l.</b>	sem local
<b>doc.</b>	documento	<b>s.n.</b>	sem nome
<b>ed.</b>	edição/editor	<b>S.<sup>ta</sup></b>	Santa
<b>fl.</b>	fólio	<b>S.<sup>to</sup></b>	Santo
<b>glos.</b>	glossário	<b>sécs.</b>	séculos
<b>introd.</b>	introdução	<b>t.</b>	tomo
<b>liv.</b>	livro	<b>ts.</b>	tomos
<b>n.º</b>	número	<b>vol.</b>	volume
<b>op. cit.</b>	<i>opus citatum</i>	<b>vols.</b>	volumes
<b>orgs.</b>	organizadores		

<b>ACL</b>	Academia de Ciências de Lisboa
<b>BA</b>	Biblioteca da Ajuda
<b>BACL</b>	Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa
<b>BNE</b>	Biblioteca Nacional de Espanha
<b>BNP</b>	Biblioteca Nacional de Portugal
<b>CIDEHUS</b>	Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades
<b>CITCEM</b>	Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
<b>CLEPUL</b>	Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
<b>CNCDP</b>	Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses
<b>FCSH</b>	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
<b>IECCPMA</b>	Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes
<b>INCM</b>	Imprensa Nacional-Casa da Moeda
<b>UNL</b>	Universidade Nova de Lisboa

# PLANO GRÁFICO E ORGANIGRAMA DO CORPO CIENTÍFICO E EXECUTIVO

DIREÇÃO JOSÉ EDUARDO FRANCO E CARLOS FIOLEIS

---

VOLUME 1  
**Primeiros textos em português: cantigas trovadorescas, prosa literária e documentação instrumental (Seleção)**  
COORDENAÇÃO  
José António Souto Cabo  
(Universidade de Santiago de Compostela)

VOLUME 2  
**Primeiros textos de pré-história, história e heráldica**  
COORDENAÇÃO  
Cristina Trindade  
(Universidade de Lisboa)  
Filipe Alves Moreira  
(Universidade de Lisboa)  
João Luís Cardoso  
(Universidade Aberta)  
Luísa Paolinelli  
(Universidade da Madeira)  
Pedro Sameiro  
(Instituto Português de Heráldica)  
Rui Carita  
(Universidade da Madeira)

VOLUME 3  
**Primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica**  
COORDENAÇÃO  
Aida Sampaio Lemos  
(Universidade Aberta)  
António Rebelo  
(Universidade de Coimbra)  
Ernesto Rodrigues  
(Universidade de Lisboa)  
Maria Antónia Lopes  
(Universidade de Coimbra)  
Porfírio Pinto  
(Universidade de Lisboa)

VOLUME 4  
**Primeiros relatos de viagens e descobrimento**  
COORDENAÇÃO  
Alexandra Pelúcia  
(Universidade Nova de Lisboa)  
João Paulo Oliveira e Costa  
(Universidade Nova de Lisboa)  
Luís Machado de Abreu  
(Universidade de Aveiro)

VOLUME 5  
**Primeiros textos de ética social e política**  
COORDENAÇÃO  
António Moniz  
(Universidade Nova de Lisboa)  
Paulo Drumond Braga  
(Universidade Aberta)

VOLUME 6  
**Primeiros escritos de geografia e ecologia**  
COORDENAÇÃO  
Alexandra Pelúcia  
(Universidade Nova de Lisboa)  
Alexandra Soares Rodrigues  
(Instituto Politécnico de Bragança)  
João Paulo Oliveira e Costa  
(Universidade Nova de Lisboa)

José Miguel Pereira  
(Universidade de Lisboa)  
Orlando Gama  
(Instituto Politécnico de Bragança)  
Viriato Soromenho-Marques  
(Universidade de Lisboa)

VOLUME 7  
**Primeiras obras de dramaturgia (Seleção)**  
COORDENAÇÃO  
Miguel Real  
(Universidade de Lisboa)  
Ricardo Ventura  
(Universidade de Lisboa)

VOLUME 8  
**Primeiros livros de didática religiosa**  
COORDENAÇÃO  
Isaías Hipólito  
(Universidade de Coimbra)  
Jorge Barbosa  
(Universidade Católica Portuguesa)  
José Carlos L. de Miranda  
(Universidade Católica Portuguesa)  
Porfírio Pinto  
(Universidade de Lisboa)

VOLUME 9  
**Primeiras obras de marinaria e guerra marítima**  
COORDENAÇÃO  
António Costa Canas  
(Escola Naval)

VOLUME 10  
**Primeiro romance de cavalaria e primeira novela sentimental**  
COORDENAÇÃO  
Isabel Morujão  
(Universidade do Porto)  
Ricardo Ventura  
(Universidade de Lisboa)

VOLUME 11  
**Primeiras gramáticas da língua portuguesa**  
COORDENAÇÃO  
Aida Sampaio Lemos  
(Universidade Aberta)  
José Eduardo Franco  
(Universidade Aberta)

VOLUME 12  
**Primeiros tratados de pintura**  
COORDENAÇÃO  
Patrícia Monteiro  
(Universidade de Lisboa)  
Vitor Serrão  
(Universidade de Lisboa)

## OBRAS PIONEIRAS DA CULTURA PORTUGUESA

COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA

Sob a Égide da Universidade de Coimbra e da Universidade Aberta

---

### VOLUME 13 Primeiro tratado jurídico

COORDENAÇÃO

Pedro Barbas Homem  
(Universidade de Lisboa)

Pedro Caridade Freitas  
(Universidade de Lisboa)

---

### VOLUME 14 Primeiros textos sobre igualdade e dignidade humanas

COORDENAÇÃO

Daniel Pires  
(Universidade de Lisboa)

Fernando Augusto Machado  
(Universidade do Minho)

José Eduardo Franco  
(Universidade Aberta)

Margarida Seixas  
(Universidade de Lisboa)

Maria Antónia Lopes  
(Universidade de Coimbra)

Paulo de Assunção  
(Universidade de São Paulo)

Pedro Calafate  
(Universidade de Lisboa)

Ricardo Ventura  
(Universidade de Lisboa)

Susana Alves-Jesus  
(Universidade Aberta)

---

### VOLUME 15 Primeiro livro de botânica

COORDENAÇÃO

**Carlos Fiolhais**

Jorge Américo  
Rodrigues de Paiva  
(Universidade de Coimbra)

---

### VOLUME 16 Primeiras obras de arquitetura

COORDENAÇÃO

Joana Balsa de Pinho  
(Universidade de Lisboa)

João Vieira Caldas  
(Universidade de Lisboa)

---

### VOLUME 17 Primeira epopeia

COORDENAÇÃO

José Carlos Seabra Pereira  
(Universidade de Coimbra)

Martinho Soares  
(Universidade de Coimbra)

---

### VOLUME 18 Primeiros escritos de economia

COORDENAÇÃO

André Costa  
(Universidade de Lisboa)

Guilherme d'Oliveira Martins  
(Fundação Calouste Gulbenkian)

Renato Pistola  
(Universidade de Lisboa)

---

### VOLUME 19 Primeira obra de aventura e contactos intercivilizacionais

COORDENAÇÃO

Amélia Polónia  
(Universidade do Porto)

Rosa Capelão  
(Universidade do Porto)

---

### VOLUME 20 Primeiros tratados de música

COORDENAÇÃO

Rui Vieira Nery  
(Universidade Nova de Lisboa)

---

### VOLUME 21 Primeiro livro de cozinha

COORDENAÇÃO

Isabel Drumond Braga  
(Universidade de Lisboa)

---

### VOLUME 22 Primeiros escritos de medicina, farmácia e enfermagem

COORDENAÇÃO

Augusto Moutinho Borges  
(Universidade de Lisboa)

João Rui Pita  
(Universidade de Coimbra)

Luís Gonzaga Ribeiro  
(Cruz Vermelha Portuguesa)

---

### VOLUME 23 Primeira arte de retórica

COORDENAÇÃO

Belmiro Fernandes Pereira  
(Universidade do Porto)

---

### VOLUME 24 Primeiro tratado de cabala

COORDENAÇÃO

Manuel Curado  
(Universidade do Minho)

---

### VOLUME 25 Primeiro tratado de engenharia

COORDENAÇÃO

Décio Ruivo Martins  
(Universidade de Coimbra)

---

### VOLUME 26 Primeiras narrativas de naufrágios

COORDENAÇÃO

António Moniz  
(Universidade Nova de Lisboa)

---

### VOLUME 27 Primeiro tratado pedagógico

COORDENAÇÃO

Adelino Cardoso  
(Universidade Nova de Lisboa)

---

### VOLUME 28 Primeira arte poética

COORDENAÇÃO

Micaela Ramon  
(Universidade do Minho)

---

### VOLUME 29 Primeiro tratado de física

COORDENAÇÃO

Carlos Fiolhais  
(Universidade de Coimbra)

---

### VOLUME 30 Primeiro tratado de química

COORDENAÇÃO

António Amorim da Costa  
(Universidade de Coimbra)

---

## **DIREÇÃO**

José Eduardo Franco  
Carlos Fiolhais

## **SUPERVISÃO LINGÜÍSTICA E COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO DE FONTES**

Aida Sampaio Lemos

## **COORDENAÇÃO PALEOGRÁFICA, INVESTIGAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE FONTES**

Joana Balsa de Pinho  
Ricardo Ventura

## **SUPERVISÃO DA TRADUÇÃO DOS TEXTOS LATINOS**

José Carlos Lopes de Miranda  
Mariana Gomes da Costa  
Paulo Drumond Braga

## **EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO**

João Cambado  
Lina Oliveira  
Madalena Costa Lima  
Ricardo Pessa de Oliveira  
Sara Abreu

## **COLABORAÇÃO**

Alice Gago

## **ASSESSORIA ADMINISTRATIVA**

Luis Pinheiro  
Cristiana Lucas  
Paula Carreira

## **CONSELHO CONSULTIVO INTERNACIONAL**

Acílio Estanqueiro Rocha  
(Universidade do Minho)

Alberto Vieira  
(Centro de Estudos de História  
do Atlântico)

Ana Paula Tavares  
(Universidade de Lisboa)

Annabela Rita  
(Universidade de Lisboa)

Antónia Fialho Conde  
(Universidade de Évora)

António Araújo  
(Presidência da República)

António Ventura  
(Universidade de Lisboa)

Artur Anselmo  
(Academia das Ciências de Lisboa)

Avelino de Freitas de Meneses  
(Universidade dos Açores)

Bernard Vincent  
(EHESS-Paris)

Bernardo Sá Nogueira  
(Universidade de Lisboa)

Carlos Carreto  
(Universidade Nova de Lisboa)

Carlota Urbano  
(Universidade de Coimbra)

Diogo Abreu  
(Universidade de Lisboa)

Dionísio Vila Maior  
(Universidade de Lisboa)

Edgard Leite  
(Universidade Federal  
do Rio de Janeiro)

Eduardo Lourenço  
(Fundação Calouste Gulbenkian)

Fernanda Olival  
(Universidade de Évora)

Fernando Cristóvão  
(Universidade de Lisboa)

Fernando Grilo  
(Universidade de Lisboa)

Francisco de Almeida Dias  
(Universidade de Tuscia)

Francisco Nuno Ramos  
(Observatório da Língua Portuguesa)

Francisco Senra Coelho  
(Universidade Católica Portuguesa)

Gerardo Ramírez Vidal  
(Universidade Nacional Autónoma  
do México)

Henrique Leitão  
(Universidade de Lisboa)

Henrique Manuel Pereira  
(Universidade Católica Portuguesa)

Ilda Mendes  
(Universidade Sorbonne Nouvelle  
– Paris 3)

Inês Cordeiro  
(Biblioteca Nacional de Portugal)

Isabel Ponce de Leão  
(Universidade Fernando Pessoa)

Isabel Rocheta  
(Universidade de Lisboa)

Jesué Pinharanda Gomes  
(Academia Portuguesa da História)

João Carvalho  
(Universidade do Algarve)

João Costa  
(Universidade Nova de Lisboa)

† João Francisco Marques  
(Universidade do Porto)

João Gabriel Silva  
(Universidade de Coimbra)

João Malaca Casteleiro  
(Universidade de Lisboa)

João Relvão Caetano  
(Universidade Aberta)

Jorge Freitas Branco  
(ISCTE – Instituto Universitário  
de Lisboa)

José Barreto  
(Universidade de Lisboa – ICS)

José Cordeiro  
(Universidade Católica Portuguesa)

José Eduardo Reis  
(Universidade de Trás-os-Montes  
e Alto Douro)

José Ignacio Ruiz Rodríguez  
(Universidade de Alcalá de Henares)

José Paulo Leite Abreu  
(Universidade Católica Portuguesa)

José Pedro Paiva  
(Universidade de Coimbra)

José Silva Rosa  
(Universidade da Beira Interior)

Josiah Blackmore  
(Universidade de Harvard)

Juan Luis Conde  
(Universidade Complutense  
de Madrid)

Juan M. Lorenzo Lorenzo  
(Universidade Complutense  
de Madrid)

Lilian Jacoto  
(Universidade de São Paulo)

Luis Girón Negrón  
(Universidade de Harvard)

Luiz Eduardo Meneses de Oliveira  
(Universidade Federal de Sergipe)

Manuela Mendonça  
(Academia Portuguesa da História)

Margarida Miranda  
(Universidade de Coimbra)

Margarita Torremocha Hernández  
(Universidade de Valladolid)

Maria Cecília Amorim Pilla  
(Pontifícia Universidade Católica  
do Paraná)

Maria Luísa de Castro Soares  
(Universidade de Trás-os-Montes  
e Alto Douro)

Maria Manuel Baptista  
(Universidade de Aveiro)

Maria Renata da Cruz Duran  
(Universidade Estadual de Londrina)

Miguel Monteiro  
(Universidade de Lisboa)

Moisés Lemos Martins  
(Universidade do Minho)

Onésimo Teotónio de Almeida  
(Universidade de Brown)

Paulo Maria Bastos da Silva Dias  
(Universidade Aberta)

Paulo Mendes Pinto  
(Universidade Lusófona de  
Humanidades e Tecnologias)

Paulo Silva Pereira  
(Universidade de Coimbra)

Pedro Calafate  
(Universidade de Lisboa)

Pierre Antoine Fabre  
(EHESS-Paris)

† Raul Rosado Fernandes  
(Universidade de Lisboa)

Renato Epifânio  
(Universidade do Porto)

Ronaldo Vainfas  
(Universidade Federal Fluminense)

Silvestre Lacerda  
(Arquivo Nacional da Torre  
do Tombo)

Susana Goulart da Costa  
(Universidade dos Açores)

Teresa Pinheiro  
(Universidade de Chemnitz)

Vania Chaves  
(Universidade de Lisboa)

# ORGANIGRAMA INSTITUCIONAL E MECENÁTICO

---

*Com o Alto Patrocínio  
de Sua Excelência  
o Presidente da República Portuguesa*

---

*Sob a Égide  
da  
Reitoria da Universidade Aberta  
e da  
Reitoria da Universidade de Coimbra*

## **INSTITUIÇÕES PROMOTORAS**

Universidade Aberta  
Universidade de Coimbra

## **INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS COORDENADORAS**

Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização  
Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa  
Rómulo – Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra  
Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

## **MECENAS PRINCIPAIS**

Fundação Calouste Gulbenkian  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Ministério da Educação

## **PATROCINADORES**

Apifarma – Assoc. Portuguesa da Indústria Farmacêutica  
BPI / Fundação ”la Caixa”  
CTT – Correios de Portugal  
Fundação Eng. António de Almeida  
Fundação Oriente  
OM – Ordem dos Médicos  
REN – Redes Energéticas Nacionais

## INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS ASSOCIADAS

Academia das Ciências de Lisboa	Escola Naval
Academia Portuguesa da História	Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança
Agência para a Promoção da Cultura Atlântica	Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
ARTIS – Instituto da História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca da Ajuda	Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal	Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra
Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, IP	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Bocageanos	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Estudos de História do Atlântico	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra	Fundação Casa de Bragança
Centro de Estudos Florestais do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa	Instituto Açoriano de Cultura
Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho	Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Universidade Nova de Lisboa
Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra	Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	Instituto de História do Direito e do Pensamento Político da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
Centro de Física da Universidade de Coimbra	Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho
Centro de Investigação de Teoria e História do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa	Instituto Português de Heráldica
Centro de Investigação Naval	Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa
Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» da Universidade do Porto	Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa
Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro	Movimento Internacional Lusófono
Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora	Observatório da Língua Portuguesa
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra	Palácio Nacional da Ajuda
Centro Nacional de Cultura	Sociedade Portuguesa de Retórica
CHAM – Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores	Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga
Cruz Vermelha Portuguesa	Universidade da Madeira
Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas/Arquivo Nacional da Torre do Tombo	Universidade de Aveiro
	Universidade de Lisboa
	Universidade de Santiago de Compostela
	Universidade Lusófona

COM O ALTO PATROCÍNIO  
DE SUA EXCELENCIA



*O Presidente da República*

## INSTITUIÇÕES PROMOTORAS

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt



· U



C ·

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS COORDENADORAS



**CLEPUL** | Centro de Literaturas  
e Culturas Lusófonas  
e Europeias  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



**CIDH**

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique  
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



Instituto Europeu de  
Ciências da Cultura  
P. Manuel Antunes

## MECENAS PRINCIPAIS



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

**FCT**

Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

## PATROCINADORES

apifarma



FUNDAÇÃO  
ORIENTE



REN

## OBRA PUBLICADA NO ÂMBITO DO ANO EUROPEU DO PATRIMÓNIO CULTURAL

2018



ANO EUROPEU  
DO PATRIMÓNIO  
CULTURAL

#EuropeForCulture

## INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS ASSOCIADAS



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



Academia Portuguesa da História



AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA



INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE LISBOA



Biblioteca da Ajuda



BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL



CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



CEBL Centro de Estudos Linguísticos



CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS IN-COMMUNICATIO



CEI Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XXI



CEHA CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO



CEHUM Centro de Estudos Humanísticos Universidade do Minho



CEIS 30 CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XXI UNIVERSIDADE DE COIMBRA



CELGA-ILTEC Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada Universidade de Coimbra



UNIVERSITAS OLISIPONENSIS Centro de Filosofia



THD ULisboa TEORIA E HISTÓRIA DO DIREITO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DA ULISBOA



Cin Centro de Investigação Naval



Centro de Línguas e Culturas



Centro Interuniversitário de Estudos Camouinios



CENTRO NACIONAL DE CULTURA



CFisUC



CHAM Associação Nacional de História Faculdade de Letras Universidade de Coimbra



CIDEHUS UNIVERSIDADE DE ÉVORA



COMPETE 2020 PORTUGAL 2020



UNião Europeia



CITCEM CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



CRUZ VERMELHA PORTUGUESA



REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA DIREÇÃO GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E DA BIBLIOTECA



ESCOLA EFNAL



IPB INSTITUTO PORTUGUÊS DE BIBLIOTECAS



FCTUC FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



FACULDADE DE DIREITO Universidade de Lisboa



FFUC FACULDADE DE FARMÁCIA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FLUC FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA



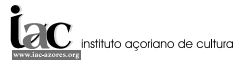
FLUL LETRAS LISBOA



FLUP FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



IAC Instituto açoriano de cultura



INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA E TRADIÇÃO IELT FCSH-NOVA



INSTITUTO DE HISTÓRIA DO DIREITO E DO PENSAMENTO POLÍTICO



Instituto de Letras e Ciências Humanas



INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA Universidade de Lisboa



TÉCNICO LISBOA



UNIVERSIDADE DA MADEIRA



MIL MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO



Observatório da Língua Portuguesa



Palácio Nacional da Ajuda



Sociedade Portuguesa de Retórica



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



UNIVERSIDADE DA MADEIRA



universidade de aveiro



UNIVERSIDADE DE LISBOA



UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



UNIVERSIDADE LUSÓFONA